



Encontros Bibli: revista eletrônica de
biblioteconomia e ciência da informação

E-ISSN: 1518-2924

bibli@ced.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lúdia Eugênia

Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, vol. 19, núm. 39, enero-
abril, 2014, pp. 43-58

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14730602004>

- [Cómo citar el artículo](#)
- [Número completo](#)
- [Más información del artículo](#)
- [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

ARTIGO

Recebido em:
25/05/2013

Aceito em:
17/03/2014

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr., 2014. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n39p43

Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas

Cultural mediation and appropriation of information in public libraries

Alessandro RASTELI¹
Lídia Eugênia CAVALCANTE²

RESUMO

Reconhecer a existência de dispositivos, a exemplo das bibliotecas, como produtores de sentido, é também verificar as ações de mediação cultural como atos de significação, vivenciados com modos de interação entre diferentes experiências culturais. As ações de mediação são compreendidas como práticas socioculturais e processos afirmativos de sujeitos na construção de sentidos, remetendo-se à produção e à recepção de bens simbólicos e aos dispositivos culturais como espaços de apropriação. Este estudo visa, portanto, apresentar revisão da literatura sobre as mediações culturais (focando-se nas práticas de leitura) em ambientes socioculturais, especificamente em bibliotecas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação cultural – biblioteca pública. Apropriação cultural. Bibliotecário – mediador da leitura. Mediação da leitura – biblioteca pública.

ABSTRACT

To recognize the existence of devices, such as libraries, as producers of meaning, is also to determine the effect of cultural mediation as acts of meaning, experienced with modes of interaction between different cultural experiences. Monitoring activities are understood as socio-cultural practices and processes of assertive subjects in the construction of meaning, referring to the production and reception of symbolic goods and devices as spaces of cultural appropriation. Thus, the paper aims to review the literature on the reflection of cultural mediation (focusing on reading practices) in socio-cultural environments, specifically in public libraries.

KEYWORDS: Cultural mediation-public library. Cultural appropriation. Librarian-mediator of reading. Mediated reading-public library.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ UNESP/Marília - alessandrorasteli@yahoo.com.br

² UNESP/Marília - cavalcantelidiaeugenia@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As ações envolvidas na mediação cultural são muitas. Porém, como observa Martins e Picosque (2012), a paisagem conceitual e o fazer da mediação em diferentes situações e lugares é ainda nova e sedenta de pesquisas e reflexões, embora isso venha se transformando nos últimos anos.

No exercício da mediação cultural em bibliotecas públicas, no encontro dialógico entre bibliotecários e usuários, mediar informações solicita um olhar atento para a constituição de acervos, organização dos espaços, frequência na realização das atividades culturais e práticas pedagógicas desenvolvidas nessas instâncias. Por conseguinte, estabelece-se fundamentalmente uma convergência entre dois horizontes: a produção e recepção de bens simbólicos e os dispositivos culturais (bibliotecas) como espaços de apropriação do conhecimento.

Foucault (1984 apud CABRAL, 2011) traça os primeiros estudos que revelam o reconhecimento dos mecanismos de mediação nos processos de significação – denominados por ele como dispositivos. Para Perrotti e Pieruccini (2007), dispositivo é considerado em duas dimensões da mediação (material e simbólica) e, se aplicado ao campo da informação e do conhecimento, permite constatar que o indivíduo não é mais o centro exclusivo dos processos de significação do mundo, passando a compartilhá-los com os objetos, os artefatos, as ferramentas e os não humanos em geral.

Nessa vertente, considera-se que as bibliotecas, como dispositivos produtores de sentidos, permitem o acesso à informação, observando a construção de significados vivenciados através da pesquisa, da leitura, da literatura em geral, dos eventos culturais e do contato com as artes.

As demandas informacionais configuram significados (sentidos) a partir do momento em que tais dispositivos culturais propiciam a capacidade de construção do conhecimento. Esta, por sua vez, está imbricada em um processo que deve garantir não somente a apropriação, mas também a produção e a participação coletiva e ativa dos indivíduos, não como meros expectadores, mas como partícipes nos processos de mediação.

Na tessitura e construção da mediação cultural, torna-se necessário promover contato entre os sujeitos, criando canais de comunicação que permitam estimular sensações, sentidos e sentimentos, o que pode ocorrer pela linguagem da cultura, e é por ela mesma que se lê (MARTINS; PICOSQUE, 2012).

Teixeira Coelho (1999) observa o mediador cultural como o sujeito que exerce atividades de aproximação entre indivíduos ou coletividade e as obras de cultura e arte. Nessa ponderação, mediar cultura consiste em movimentar relações sociais pelo uso de instrumentos e linguagens artísticas e culturais. Trata-se, portanto, da versão contemporânea atualizada dos termos empregados na década de 1980 – *animador cultural* e *agente cultural* – atualização essa ocorrida tanto no discurso quanto na prática.

Na contemporaneidade, a mediação cultural se organiza em torno de novos paradigmas e, necessariamente, mediante outros valores, ressaltando as bibliotecas como um dos muitos espaços de trocas simbólicas.

Na mediação cultural, práticas de incentivo à leitura objetivam alavancar o processo de produção artística e cultural no âmbito das bibliotecas e de outros dispositivos presentes na sociedade, articulando diferentes experiências para que ocorra a apropriação cultural, tida como atividade de invenção, apropriação e de produção de significados, assim como observa Chartier (1999, p. 77): “Apropriar-se, portanto, é ação afirmativa, é invenção e criação e não simples recepção mecânica e automática de sinais e mensagens”. Reconhecer a existência dos dispositivos de informação como produtores de sentido é também verificar as ações de mediação cultural como atos de significação, vivenciados com modos de interação entre diferentes experiências culturais.

Nesse contexto, este estudo objetiva, portanto, refletir sobre os meandros teóricos que sustentam as questões relativas à mediação cultural, especificamente focando-se nas práticas de leitura em ambientes socioculturais, como as bibliotecas públicas.

Ao estudar a informação no contexto sociocultural, a Ciência da Informação estabelece relação com pesquisas centradas em políticas, dinâmicas,

e práticas culturais dos dispositivos informacionais públicos. Sob esse aspecto, mobilizam-se conceitos como apropriação simbólica, ação cultural, saberes informacionais, leitura e arte, dentre outros.

Considerando-se tal problemática, as dinâmicas atentadas entre os sujeitos e o universo simbólico, que estão na base do ato de conhecer, refletir, interagir e inferir, merecem criteriosa investigação, especialmente no contexto nacional, em relação à apropriação dos dispositivos de informação e cultura nos quais circulam e se articulam saberes. Apropriar-se da informação implica, dessa forma, apropriar-se dos dispositivos informacionais. Processo evidentemente bastante complexo, que exige reflexões quanto às práticas culturais desenvolvidas pelos bibliotecários em sua ação educadora, avaliando as situações enfrentadas pelas instâncias de mediação e de seus mediadores.

2 MEDIAÇÃO CULTURAL E APROPRIAÇÃO: REFLEXÕES CONCEITUAIS

Para as Ciências Sociais, a noção de mediação está intrinsecamente ligada às teorias da ação. Ou seja, as ações sociais são tidas como parte de sistemas amplos e de processos de compreensão intersubjetiva, noção que introduz o papel do agente (mediação humana). Nessa perspectiva, para Almeida (2012), as mediações são as conexões que se estabelecem entre as ações sociais e as motivações individuais e/ou coletivas.

Essa noção de mediação reinaugura questões que sempre estiveram presentes no campo de estudos da cultura informacional, da comunicação e do conhecimento, mostrando o quanto os dispositivos de comunicação/informação, a estruturação dos lugares, textos, espaços e acervos influenciam nas interpretações e produzem objetos mistos e portadores de sentidos.

Na tessitura e construção da mediação cultural manifestam-se linguagens e movimentos. Ou seja, em um sistema de representação comum, há uma comunidade, há uma cultura ou diversas culturas.

E, ao mesmo tempo, esse sistema de representação gera um sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida, o que se pode chamar de sociabilidade.

A mediação cultural é percebida também pelo prisma da aproximação de sujeitos a produtos e artefatos culturais, como obras de arte, livros, exposições, espetáculos e ações de incentivo à leitura. Dessa forma, mediação cultural é vista como uma atividade processual, que possibilita o encontro, o acesso e a apropriação. Esse trabalho de justaposição tem como figura importante o mediador, responsável por promover a ligação entre instâncias de produção de bens culturais, e o público, fornecendo a este último os códigos que permitem o acesso e a apropriação às produções culturais (MARTINS, 2010, p. 57).

Para Teixeira Coelho (1999, p. 248), a mediação cultural pode ser definida como

Processos de diferentes naturezas cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividade e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca de formação de públicos para a cultura – ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural.

O processo da mediação cultural pressupõe relações de construção de sentidos quando a informação é transformada em conhecimento e o produto cultural em bem cultural. Tais ações de mediação são necessárias no contexto dos equipamentos culturais como as bibliotecas, para que a informação possa ser preservada e circule socialmente, adquirindo sentido social. Assim, o sujeito não é apenas um mero decodificador dos conteúdos das obras mediadas pelo mediador, mas também produtor de significados. Portanto, questões que envolvem a comunicação são deslocadas para a cultura; para o processo de produção de significados; para os espaços onde existem as experiências dos sujeitos que resultam em produção e troca de sentidos. Dantas (2008, p. 4) afirma que

O ato de mediar significa fixar entre duas partes um ponto de referência comum, mas equidistante, que a uma e a outra faculta o estabelecimento de algum tipo de inter-relação, ou seja, as mediações seriam estratégias de comunicação em que, ao participar, o ser humano se representa a si próprio e o seu entorno, proporcionando uma significativa produção e troca de sentidos.

Lamizet (1999 apud DAVALLON, 2003) propõe um entendimento da mediação cultural situando-a na ordem de representação do espaço social. Nessa esfera, o autor acredita que a mediação representa o imperativo social fundamental da dialética entre o singular e o coletivo, e da sua representação em formas simbólicas de apropriação e de interação entre os sujeitos.

Pautando-se nisso, conjectura-se que a mediação cultural comporta elementos como a produção e recepção de bens simbólicos (as diversas atividades culturais) e os dispositivos culturais (bibliotecas) como espaços de apropriação.

Os indivíduos coexistem em sociedade quando cada um tem participação – consciente ou não - na relação dialética necessária entre a sua existência (Eu) e a existência da comunidade (Outro/Nós). Nesses aspectos em que se verificam questões que perpassam singularidades e coletividades, o sentido de mediação cultural compõe as formas culturais de pertença e de sociabilidade entre os sujeitos, dando-lhes uma linguagem, formas e usos pelos quais nos apropriamos dos objetos/mecanismos constitutivos da cultura, que fundam simbolicamente as estruturas políticas e institucionais do contrato social. Por essa ótica, as mediações culturais ocorrem no espaço público, um espaço que promove a dialética entre as formas coletivas e as representações singulares.

Mediação cultural para Davallon (2003) traduz-se numa forma de ação cultural por oposição à animação cultural; a construção de uma relação com a arte; produtos destinados a apresentar ou a explicar a arte ao público.

Cabral (1999, p. 39), por seu turno, explica a ação cultural como rico campo de atuação que oferece ao bibliotecário inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas nas bibliotecas públicas, escolares, comunitárias e centros culturais, sendo indiscutível sua importância tanto no sentido de dinamizar desses espaços como no de alavancar o processo de produção cultural no âmbito dessas instituições para a sociedade.

Já a animação cultural é mais restrita, tendo como finalidade divertir o público, promovendo ações de lazer. Observa-se que a ação cultural comporta elementos que interessam tão somente ao desenvolvimento da subjetividade humana e ao autoaperfeiçoamento dos sujeitos. Assim sendo, tanto a ação cultural como a mediação cultural se realizam dentro dos princípios da prática da arte, de caráter libertário e questionador, que não se restringe a trabalhar com o já estabelecido, mas, ao contrário, procura incessantemente o “vir-a-ser” (CABRAL, 1999).

A mediação cultural pode estabelecer-se como facilitadora do encontro entre as artes (literatura, por exemplo), num processo provocativo e instigante no âmbito do pensar e do sentir, da percepção e da imaginação. Como observam Martins e Picosque (2012), um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada um.

3 MEDIAÇÃO DA LEITURA: O ATO DE APROPRIAR-SE

No processo de comunicação, o homem utiliza-se das mais variadas formas de linguagens. Desde a revolução industrial, eletrônica, informática e digital, as linguagens estão sempre se multiplicando e se proliferando vastamente, independente dos diferentes suportes, meios e canais que as veiculam. Todas essas linguagens estão alicerçadas, de acordo com Santaella (2001), em três matrizes: verbal, visual e sonora. A partir dessas, todas as combinações e misturas são possíveis, verificando-se também, na atualidade, uma multiplicidade de signos que se proliferam especialmente nas ambiências do ciberespaço.

Nessa perspectiva, percebe-se que o ato de ler reporta-se a qualquer produção discursiva: linguística (oral ou escrita), extralinguística (pintura, música, fotografia, propaganda, cinema, teatro etc.) e às novas textualidades decorrentes das tecnologias digitais, de gêneros textuais como *blogs*, *chats*, *e-mails*, comunidades virtuais etc., os quais compõem novas formas de construção de sentidos.

Logo, torna-se importante considerar que a leitura vai, portanto, além do texto e começa antes do contato com ele, como salienta Martins (1989). Entende-se que aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele. Paulo Freire (2003) ressalta que desde o nascimento o indivíduo aprende a ler o mundo, e, quando se aprende a ler livros, a leitura das letras no papel é outra forma de leitura, só que do mesmo mundo que já se lia, antes ainda de alfabetizados.

Em se tratando especificamente do aspecto produtivo da linguagem escrita, a leitura é identificada na mediação como ação, pressupondo um sujeito-leitor produtor de sentidos, interagindo com um determinado texto impregnado de sentidos, escrito por um sujeito-autor, também produtor de sentidos. Assim, o texto é gerado a partir dos significados atribuídos pelo autor quando em interação com o seu mundo de significação, e é recontextualizado pelo leitor, que busca atribuir-lhe significado a partir da relação que mantém com o próprio mundo e com o autor, o qual delimita (sem oprimir) as possibilidades de construção de novos significados (FERREIRA; DIAS, 2004).

Na perspectiva do sujeito como produtor de sentidos, o leitor assume papel atuante. Deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo, passando a ser construtor, coautor da informação ou do texto, como alerta Almeida Jr (2009).

Sob essa perspectiva, a leitura competente é vista como imprescindível na apropriação da informação, e o leitor, ao se apropriar da informação, do texto, não o faz de forma passiva, age ativamente, construindo significados. Assim, deve-se entender que

[...] a leitura é uma das preocupações da ciência da informação e que essa faz parte do núcleo da apropriação da informação. A informação, por ser intangível, precisa de um suporte para ser veiculada e apropriada, e a decodificação desse documento pela leitura permite a apropriação da informação, possibilitando a transformação do conhecimento de quem lê. Esse processo é denominado, pelo autor, de mediação da informação (GUARALDO; ALMEIDA Jr., 2010, p. 192).

Constata-se que a apropriação implica na produção de sentidos, constituindo-se também num ato de construção do texto, por intermédio dos signos verbais e não verbais. Pensar o ato da leitura é observar que o texto não existe sem o leitor, que a leitura é ação envolvendo um conjunto de elementos -

leitor/ texto/contexto, acreditando que o leitor tem atitudes de apropriação/inferência/recriação.

Verifica-se, por conseguinte, que a apropriação pressupõe alteração, transformação, modificação da informação mediada, sendo assim uma ação de produção e não meramente de consumo. Dessa forma, para que suceda o conhecimento fazem-se necessários os saberes já apropriados pelo leitor, gerando, portanto, novos estados de conhecimento que, aplicados, provocam transformação social.

Desse modo, a mediação da informação proposta por Almeida Jr (2009), apodera-se da concepção de informação que desloca o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Essa concepção adquire consciência que direciona para um outro olhar:

O olhar passa a ser outro, desloca-se: em lugar da mirada sobre os objetos em si, agora a atenção está sobre as práticas dos sujeitos que se apropriam dos objetos que circulam para construir significados. Olhar que não está interessado em somente descrever, mas, sim, em interrelacionar(-se), construir junto, compartilhar. Em compreender, informar e ler como formas de reinventar, recriar, reescrever o mundo (NÓBREGA, 2009, p. 98).

Ao se pensar uma pedagogia voltada para as práticas de leitura em bibliotecas, verifica-se que Freire (2003) advoga que no processo de alfabetização, a leitura resulta sempre na percepção crítica, interpretação e “reescrita” do texto. Portanto, a mediação permite a produção, a circulação e a apropriação da informação, produzindo sentidos tanto para o leitor quanto para o profissional responsável por esse processo.

O leitor reconstrói os significados apropriando-se da informação, sendo que a apropriação é efetivada a partir da leitura. Desse modo, a leitura está no cerne da apropriação da informação. Nessa esfera, a mediação da informação (ALMEIDA Jr., 2009) considera o leitor como ator social ativo e participativo em seu processo. Essa noção funde-se com a ideia de produção, de ação, realizada sempre num contexto histórico-social.

Todo esse pressuposto está em posicionar o (usuário/leitor) no centro das discussões, ou seja, nas vivências necessárias a um fazer e pensar condizentes com a realidade por ele vivenciada.

4 A LEITURA MEDIADA NA BIBLIOTECA PÚBLICA

As bibliotecas públicas representam recurso altamente valioso e de amplo acesso dentro do panorama brasileiro informacional, educacional, cultural e de lazer, mesmo se essas, historicamente, reclamam maior atenção. No entanto, a forma como esse potencial é visto e trabalhado por parte dos profissionais que atuam nessa área talvez ainda não se faça presente de forma ativa na dinâmica política e social da sociedade.

Refletir sobre a realidade da biblioteca pública remete ao que destaca Nóbrega (2009, p. 108), ou seja, para considerar a biblioteca como lugar de inquietação, “será necessário que nela ocorram reflexão e práxis biblioteconômicas com elementos que instaurem potencialidades leitoras”.

O bibliotecário educador não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar e investigar. Portanto, a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos ou eletrônicos) aos leitores.

Almeida Jr. e Bortolin (2008) percebem o mediador de leitura numa possibilidade de interferir eticamente no cotidiano do cidadão, fomentando o desejo e a necessidade de ler e de buscar informação para que, ao construir conhecimento, o sujeito leitor também modifique a sua realidade.

Dessa forma, o processo de formação de mediadores de leitura pressupõe a formação de profissionais, enquanto sujeitos leitores. A mediação explicitada aqui leva em conta fatores extrínsecos e intrínsecos, relativos ao objeto, ao sujeito e ao agente da leitura: o texto, o leitor e o mediador. Atuando como leitores e escritores do mundo a partir da inserção e da interpretação de suas próprias realidades, esses profissionais estarão, também, ampliando horizontes, conhecimentos e capacidades de compreensão leitora e de escrita por meio de linguagens artísticas e do acesso a saberes e à produção cultural.

Quanto às várias possibilidades de se fomentar a leitura em bibliotecas públicas, citam-se as seguintes atividades, muitas delas tradicionais: hora do conto, rodas de leitura, encontro com autores, feira de livros, oficinas de produção e leitura de textos, concursos literários, saraus literários, lançamentos de livros, homenagem a autores, criação de espaços para sugestões de leitura, fanzines e jornais impressos ou eletrônicos, clube do livro, exposição de livros, passaporte do leitor, dramatização de histórias (teatro), murais, sessões de cinema na biblioteca, exposições diversas, palestras, jograis, encontro com cordelistas, oficinas, dentre outras.

O exercício dessas e de outras práticas leitoras, diversificadas e dinamizadas nos espaços da biblioteca podem se traduzir em práticas culturais como ferramentas de desenvolvimento da cidadania. Ainda que historicamente a biblioteca pública pouco tenha representado, no contexto da sociedade, suas ações voltadas à ação cultural e pedagógica, as bibliotecas podem configurar-se em possibilidades de apropriação e produção quanto ao conhecimento individual ou compartilhamento de saberes.

Na perspectiva da biblioteca em relação ao desenvolvimento local, observa-se que através dessas práticas sociais a biblioteca pode promover o protagonismo das comunidades, estimulando a inclusão social com base na valorização da diversidade (CAVALCANTE; FEITOSA, 2011). Quando a biblioteca pública valoriza o conhecimento local, promove o empoderamento, valorizando expressões individuais e coletivas, garantindo tanto a socialização quanto a produção de múltiplos conhecimentos e saberes.

É necessário, portanto, que as políticas públicas vejam a biblioteca como organismo de promoção e de apropriação da leitura e de desenvolvimento (BARRETO, 2004, p. 43). No sentido de promoção, o leitor é receptor e, no sentido de apropriação, o sujeito é produtor. Nessa perspectiva, a percepção que se tem do sujeito como produtor é vista como produção de conhecimento, redundando em atuação social transformadora. Portanto, a sistematização representa uma visão contrária à homogeneização do conhecimento, pois valoriza as especificidades locais e acredita na capacidade interpretativa dos atores sociais.

As práticas leitoras e informacionais de apropriação da informação cultural atendidas pelos equipamentos informacionais, segundo Nóbrega (2009, p.97), “[...] modificam-se e produzem sentidos que desembocarão em outros textos, e outros, num processo infinito de releituras, numa polifonia de vozes e reflexos”. Entendidas assim, as práticas leitoras, através da mediação cultural, favorecem novos sentidos e, conseqüentemente, a apropriação dos textos, a fim de compreendê-los não mais como algo estático, pronto, mas, sim, como construção.

Portanto, a promoção de teorias, recursos e estratégias de interação humana, segundo Belluzzo (2007), requer a compreensão de uma aprendizagem com significado ante a necessidade de cooperação e o compartilhamento de informação e conhecimento, visando à inovação, o exercício da cidadania e o desenvolvimento social.

Além do mais, o papel desempenhado pelo bibliotecário na biblioteca pública quanto à mediação cultural também consiste em priorizar o aprendizado contínuo no processo de desenvolvimento educacional e na disponibilização da informação de modo competente.

A biblioteca, assim inserida no processo educacional, desempenha a função de estimulação, sedução e fomento da leitura, para que o usuário seja capaz de adquirir as informações desejadas e ampliar seus horizontes, tanto no sentido de enriquecimento cultural quanto do próprio conhecimento pessoal (CASTRO FILHO, 2012, p. 32).

Sabe-se que a escola não é o único ambiente de aprendizagem significativa e de desenvolvimento das potencialidades humanas. Aliada a esta instituição de ensino, a biblioteca representa papel essencial no contexto da educação. Dessa forma, ressalta-se que os equipamentos culturais, de um modo amplo, possuem forte elo com os processos pedagógicos e são vistos como organismos de vital importância no estímulo ao desenvolvimento cultural.

O momento da interação do profissional da informação e do leitor estrutura-se não como algo estanque e fracionado, mas envolvendo os personagens como um todo, bem como o entorno social, político, econômico e

cultural em que estão imersos. Sendo um processo histórico-social, este não se concretiza como um recorte de tempo estático e dissociado de seu entorno. Ao contrário: resulta da relação dos sujeitos com o mundo (ALMEIDA Jr., 2009).

Na atualidade, tem-se a noção de um conhecimento construído numa interação mediada, não de um conhecimento construído de forma individual, mas no âmbito do sujeito coletivo e de suas interações. O conhecimento, a partir da apropriação da informação, constrói-se na relação com o mundo, com o outro, sendo que o mediador é elemento importante nessa construção de sentidos, de significados.

Nessa concepção, o aprendizado é o resultado da colaboração, do questionamento coletivo e da interação entre aprendizes, mediadores e dos conteúdos informacionais. Os níveis de participação e interação humana são elementos críticos no sucesso das experiências de aprendizado nos ambientes das bibliotecas, pois possibilitam a criação de alto nível de presença social, que contribui significativamente para a efetividade das ações educacionais. Essa mesma concepção baseia-se no desenvolvimento de significados compartilhados entre os participantes, tendo a interação, a colaboração e a reflexão crítica, individual e coletiva, como suportes fundamentais para o alcance de propósitos.

Dessa forma, a comunicação alia-se à cultura para o processo de produção de significados e para o espaço da experiência dos sujeitos. Assim, o leitor não é apenas um mero decodificador dos conteúdos das informações impostas pelos equipamentos ou dispositivos culturais, mas também produtor de novos significados, e a leitura é vista como direito e possibilidade de ação afirmativa de sujeitos nos processos de construção de sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do enfoque acerca da mediação na área da Ciência da Informação consolidou-se de forma categórica nos últimos anos. A mediação cultural, aliada às competências do bibliotecário educador, pode reunir elementos que correspondam às exigências da ação educativa na biblioteca,

apontando para um perfil didático do bibliotecário mediador, necessário à inserção da biblioteca pública na sociedade do conhecimento.

A mediação cultural potencializa estratégias de produção, comunicação e apropriação a partir de documentos materiais e imateriais oportunizando a produção de conhecimentos. Nos equipamentos informacionais públicos, a mediação cultural pode acontecer através das práticas de leitura literária, abrangendo leituras em diversos suportes e linguagens. Isso exige profissionais competentes para trabalhar com as representações dos objetos informacionais e para criar mecanismos de localização da informação em suas diferentes formas de apresentação.

Portanto, a mediação da leitura é vista como imprescindível na apropriação da informação, e o leitor, ao se apropriar da informação, do texto, não o faz de forma passiva, age ativamente, construindo significados, modificando seu conhecimento e a sua relação com o mundo e com o outro.

As reflexões acerca do papel estratégico que a mediação cultural pode desempenhar no atual contexto levam a repensar as relações entre os indivíduos e grupos com as tecnologias, por um lado; de outro, o de rever as relações dos indivíduos e grupos com a produção, circulação e apropriações da informação, deixando de encará-los como usuários passivos, repensando-os como coprodutores e construtores do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. Informações e mediações: considerações em torno de Latour e Becker. In: SEGUNDO, J. E. S.; SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P. (Orgs.) **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez.2009.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, T. E. da. (Org.) **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008.
- BARRETO, A. M. O papel das instituições brasileiras de leitura na formação de leitores. **Revista da Faced**, n. 8, 2004.

BELLUZZO, R. C. B. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2 ed. Bauru: Cá entre nós, 2007.

BORTOLIN, S. **Mediação oral literária: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília.

CABRAL, A. M. R. **Ação cultural possibilidades de atuação do bibliotecário**. In: VIANNA, M. M.; CAMPELLO, B.; MOURA, V. H. V. Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45.

CASTRO FILHO, C. M. Roger Chartier e práticas de leitura: uma abordagem para o campo da informação. In: SEGUNDO, J. E. S.; SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P. (Orgs.) **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 121 – 130. Disponível em <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial; UNESP, 1999.

DANTAS, J. G. D. Teoria das mediações culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para o estudo de recepção. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10., 2008, São Luís. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0015-1.pdf>>. Acesso em 03 fev. 2013.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma - Revista de Ciências da Informação e da Comunicação** n.4/jun 2003. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/645/pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. da G. B. B. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

GUARALDO, T. de S. B.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, informação e conhecimento: notas sobre a leitura de jornal. In: VALENTIM, Marta L. P. (Org.) **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção palavra da gente)

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos)

MARTINS, A. M. L. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação**. 2010. 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

NÓBREGA, N. G. No espelho, o Trickster. In: SANTOS, F.; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, T. M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, A. L. A mediação da informação como experiência de negociação de sentidos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2011.

PERROTTI, E; PIERRUCINI, I. Saberes e fazeres na contemporaneidade. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.) **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. Disponível em: <<http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/cienciaInformacao/informacaoContemporaneidade.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2001.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2 ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.